

*Dra. Erica Constantini*

Por mais estranho que possa parecer essa afirmação, ela é necessária.

É muito simples: o bebê autista será a criança autista, que será o adolescente autista, que será o adulto autista e que será o idoso autista!

E como dito, mesmo que seja uma constatação óbvia, o que vemos no cenário de atendimento ao autismo no Brasil atualmente (e ainda!) é quase um esquecimento das necessidades e demandas dos autistas adultos e o modo como isso os impacta em sua saúde física e mental.

Se tudo pode parecer difícil para aquele autista que chega à vida adulta e vê suas necessidades serem negligenciadas, imagine como é para o autista que teve seu diagnóstico tardiamente...

Esta pessoa, que geralmente já passou por vários diagnósticos equivocados, quando finalmente entende a razão das suas dificuldades, limitações e sofrimento percebe que talvez não encontre acolhimento, terapias, adaptações e compreensão, necessários para seu bem-estar e qualidade de vida.

Cada fase ou momento da vida tem suas demandas e necessidades específicas.

Saber identificar quais são e criar condições e estratégias para que sejam cuidadas e supridas adequadamente é fundamental para um desenvolvimento pleno na infância e garantia de qualidade de vida posteriormente.

De quem é essa responsabilidade? De todos!

Família, profissionais, sociedade, estado, setores públicos e privados.

Sim! Porque os autistas estão em todos os lugares: em casa, na escola, nas universidades, nas indústrias e na sociedade.

Autismo não desaparece aos 18 anos!

São familiares, estudantes e profissionais que vivem e convivem numa sociedade que precisa estar preparada para atender tais necessidades em todas as fases e de todas as formas: com acolhimento, amor e compreensão, mas sobretudo com informação e políticas públicas consistentes e eficazes.

O Autismo não acaba aos 18 e não é um *diagnóstico de tamanho único*.

Cada autista é um autista diferente!